

CONSTRUÇÃO DA REDE PARA TROCA DE INFORMAÇÕES SOBRE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: PRIMEIROS PASSOS

Erika Marianne Brito Cavalcante
erikamcavalcante@outlook.com

Claudio Roberto Braghini
braghini.claudio@ifs.edu.br

Maria Auxiliadora de Carvalho Aquino
mariaquino.aju@gmail.com

Thatiana Carvalho Santos
thati.carvalho@gmail.com

Resumo – Brasil existem algumas iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC) articuladas em redes. Em Sergipe existem iniciativas de TBC em desenvolvimento que ocorrem isoladamente. Com o objetivo de aproximar Comunidades com iniciativas ou que se interessam pelo tema se propôs um projeto para a construção de uma rede de informação sobre TBC em Sergipe - a Rede INFO-TUCO, por meio do edital 09/2018/ PIBITI/DINOVE/IFS. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é retratar o processo de construção dessa Rede. O trabalho foi desenvolvido a partir da organização de um banco de dados. Em paralelo a essa ação houve a identificação da ferramenta de comunicação adequada para a difusão da rede junto aos representantes das comunidades, a seleção de pessoas, que já desenvolveram ações de TBC em certas localidades, os multiplicadores, a criação de um cronograma de ações e a avaliação dos limites e possibilidades, visto que o gerenciamento da rede ainda se encontra centralizado no IFS. O estabelecimento da REDE INFO-TUCO marca um início de um processo que pede por continuidade.

Palavras-chave: Rede. Turismo de Base Comunitária. Comunicação. Fortalecimento das iniciativas.

INTRODUÇÃO

O padrão da vida pode ser visto na forma de redes, ou seja, pelo conjunto de redes de dimensões distintas, que se relacionam entre si formando outras redes, em um arranjo não

hierarquizado, característica conferida pelo princípio fundamental da não linearidade. (MARTINHO, 2003; CAPRA, 1996).

Os pontos de uma rede podem ser representados por organizações, entidades ou instituições, permitindo uma série de possibilidade de interações com outros pontos da rede, natureza que garante dinamismo e o surgimento de inovação dentro do sistema (RAFFESTIN, 1997; SANTOS, 2007).

Analogamente a estas explicações é possível pensar as redes de TBC. Existem algumas redes de TBC no Brasil que foram criadas com o objetivo de fortalecer e dar sustentabilidade para as comunidades que a compõe (URANO; SIQUEIRA, 2015, p.1), a exemplo da Rede Tucum, no Ceará. A organização em forma de rede faz com que essas comunidades interajam e sirvam como apoio entre elas, visto que “as redes vêm sendo utilizadas por comunidades e organizações como mecanismo de articulação e fortalecimento de experiências que trabalham na perspectiva desse novo modelo de turismo” (URANO; SIQUEIRA, 2015,p.1).

Desenvolver o TBC implica ações que envolvem o engajamento e protagonismo dos residentes no planejamento, na prestação e gestão dos serviços turísticos, além da valorização do seu cotidiano, sua cultura (CORIOLANO, 2008; MALDONADO, 2009; HALLACK; CARNEIRO, 2011). Conforme Irving (2019), o TBC tem a perspectiva de criar laços, na própria comunidade, mas também com os parceiros e visitantes.

As comunidades se deparam com o

enfrentamento de uma série de desafios que, por vezes, dificultam a consolidação das iniciativas. Nesses processos, pessoas ou grupos são estimulados, mas alguns carecem de recursos financeiros para empreender, de conhecimento sobre gestão de negócios, bem como capacidade insuficiente de articular com a cadeia produtiva do turismo.

Em Sergipe, existem algumas iniciativas de turismo de base comunitária, entretanto a maior parte delas não se concretiza, ou não se consolida. A maior parte das iniciativas ativas existe em condição de isolamento, ou seja, não dialogam e não conhecem outras iniciativas similares, as potencialidades e desafios enfrentados. Recentemente, identificou-se o interesse por parte de comunidades em empreenderem atividades turísticas, em especial em eventos promovidos no IFS, sobre Turismo, com viés comunitário.

Apesar das ações de ensino, pesquisa e extensão promovidos pelo IFS, sabe-se que as ações acadêmicas não garantem consolidar o TBC numa comunidade, pois se entende ser algo mais complexo e estar além desse escopo. Porém, a provocação e incorporação do TBC na esfera pública, aliado aos projetos acadêmicos, ganha em magnitude e eficácia, permitindo direcionar programas e recursos para as temáticas.

Diante disso, o objetivo desse projeto é retratar o processo de construção da Rede de Informações sobre Turismo Comunitário de Sergipe, REDE INFO-TUCO, com a perspectiva de gerar um fluxo frequente de informações entre os participantes.

Este artigo derivou do projeto viabilizado pelo edital DINOVE-IFS 09/2018, desenvolvido no período de janeiro a novembro de 2019.

MATERIAS E MÉTODOS

Dividiu-se em seis etapas o processo:

1º Etapa: Construção de um banco de dados, elaborado a partir do cadastro dos participantes dos eventos: Seminário Sergipano de Turismo

Comunitário (SESTUC 2018), Workshop de Agroecologia e Agroturismo 2019, realizado no Centro de Pós Graduação do IFS e Seminário de Agroecologia e Agricultura Familiar em Ilha das Flores, em 2019. A partir dos dados elaborou-se uma planilha no Software Microsoft Excel, versão 2013.

2º Etapa: Escolha da ferramenta de comunicação para difusão da rede. Buscou-se identificar e selecionar as ferramentas de comunicação social, mais adequadas para a constituição da rede. Para tal, elaborou-se um roteiro de entrevista com questionamentos em relação à rede de telefone, conexão a internet e aplicativos utilizados e levantadas informações via telefone com participantes do banco de dados e nos contatos diretos em trabalhos de campo do grupo de pesquisa GPTEC-IFS, em comunidades.

3º Etapa: Esboço dos ramos da rede. A partir do banco de dados construiu-se um esboço de mapa de Sergipe, inserindo as quantidades de participantes em cada localidade. Os critérios para elaboração do esboço dos ramos da rede foram: ter ao menos uma iniciativa em cada ramo e facilidade de acesso aos municípios.

4º Etapa: Seleção de multiplicadores. Para tal, a partir dos arquivos organizados foi possível identificar e selecionar pessoas que desenvolviam ações de TBC em algumas comunidades, que foram denominadas agentes multiplicadores de informação, pela presença frequente nas localidades e capacidade de mobilização.

5º Etapa: Cronograma de ações na Rede virtual – Considerando-se a rede virtual como o início de um processo, previu-se um cronograma com ações possíveis, mantendo uma frequência de intervenções, para estimular os participantes, seja na forma de texto ou frases; fotos ou imagens que provoquem reflexão sobre o tema a cada semana.

6º Etapa: Avaliação da interatividade na rede, a partir das interações, os acontecimentos decorrentes dos envios programados. Para

tal, consideraram-se: fluxo de mensagens; interações espontâneas e provocadas; tipo de material, temática; origem das mensagens em termos de localidade em Sergipe.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A planilha com o banco de dados está sob a guarda do GPTEC-IFS com todos os dados coletados, organizados e devidamente sistematizados.

As respostas dadas pelas comunidades entrevistadas levaram a seleção do whatsapp como ferramenta para a difusão da Rede INFO-TUCO virtualmente. Algumas lacunas foram identificadas, a exemplo do monitoramento das ações do whatsapp, gerar gráficos ou quantificações, assim como a durabilidade da mensagem que pode ser considerada curta.

A espacialização permitiu observar a concentração de participantes e a localização das iniciativas/interesses (Figura 1).

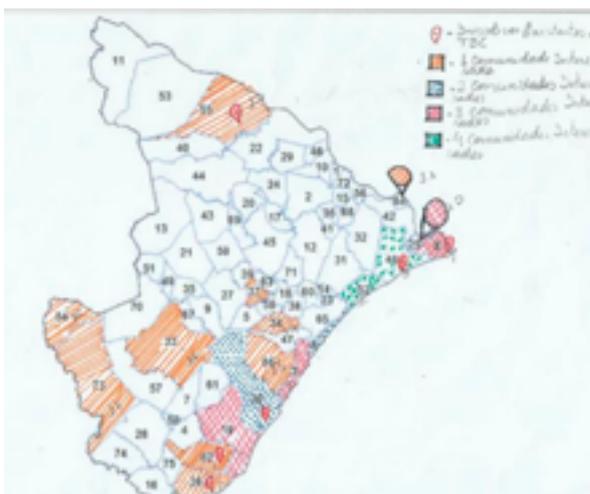


Figura 1 - T Distribuição espacial das comunidades e municípios no banco de dados da Rede INFO-TUCO.
Fonte: Elaborado por Erika Cavalcante, 2019.



Figura 2 - Esboço dos ramos da REDE INFO-TUCO.
Fonte: Autores, 2020.

Dessa forma, pode-se propor uma distribuição dos municípios por ramo da rede (Quadro 3).

	Municípios
1	Aracaju, Barra dos coqueiros, Pirambu, Pacatuba, Brejo Grande, Ilha das Flores, Santana do São Francisco
2	Aracaju, São Cristóvão, Laranjeiras, Malhador, Porto da Folha
3	Aracaju, Itaporanga D'ajuda, Estância, Santa Luzia do Itanhy, Indiaroba
4	Aracaju, Lagarto, Tobias Barreto, Poço Verde

Quadro 3: Distribuição dos municípios de Sergipe por ramo da Rede INFO-TUCO.

Fonte: Elaborado por Erika Cavalcante.

Os multiplicadores da rede foram selecionados, como proposta e identificou-se as principais comunidades de atuação deles, comunidades: Povoado Crasto, em Santa Luzia do Itanhy; Povoados Alagamar e Água Boa, em Pirambu; Povoado Jacaré, em Poço Verde; Quilombo Mocambo, em Porto da Folha; Povoado Ponta dos Mangues, em Pacatuba e município de Areia Branca. Previam-se encontros presenciais com esses multiplicadores, mas não foi possível consolidar essa etapa em

todos os ramos. Deslocaram-se os recursos para criação, aquisição de domínio e hospedagem do site.

Com relação ao cronograma de ações, definiram-se alguns temas para envios programados e previsões de datas e duração das postagens. Ao longo das semanas seguintes, após a criação do grupo, do estabelecimento de regras e finalidade, acompanhou-se a sua dinâmica, tentando evidenciar aspectos que pudessem fornecer elementos para serem critérios de análise. Após um mês de atividade foram feitas discussões na equipe do projeto. Verificou-se que: ocorreram cerca de 30 saídas no período de aproximadamente dois meses. Havia uma expectativa de maior interatividade e postagem dos grupos, o que não ocorreu. Houve um lapso na provocação pelos administradores em uma semana. Apesar da menor interatividade, do que se esperava, com as intervenções, pode-se afirmar que há acompanhamento das pessoas, mesmo que não se manifestem, pois não saíram do grupo até então. Esse resultado trouxe uma reflexão sobre o comportamento das pessoas em grupos dessa natureza, quando atuam como meros observadores. Isso remeteu a equipe a pensar no cenário ideal e rever as estratégias usadas.

Como consequência, tornou-se evidente a necessidade de se estabelecer melhor alguns critérios de análise e monitoramento da rede, se há dias da semana mais frequentes em postagens, analisar a frequência da efetividade das intervenções com as demandas dos administradores e as respostas conseguidas; analisar se a frequência de demandas, uma vez por semana se mantém ou deva ser alterada; mapeamento de comunidades ou localidades presentes na rede, evidenciando comunidades que ficaram sem contato, pelo fato de pessoas terem saído do grupo, dentre outros aspectos.

Durante o processo consolidou-se a ideia da importância de se construir um site. Nesse sentido foi adquirido um domínio e um provedor para hospedar o site que permita

inserir informações que permaneçam mais tempo, dada à transitoriedade das mensagens no Whatsapp. Contratou-se uma empresa em uma comunidade, formada por jovens, para a construção do site da Rede INFO-TUCO.

Nesse contexto houve preocupação com a necessidade de continuidade das ações, mesmo com o fim do projeto, ficando a dinamização da rede a cargo do GPTEC-IFS, por enquanto.

CONCLUSÃO

A Rede INFO-TUCO hoje é uma realidade e contribui, de forma inicial, para a difusão de informações sobre ações que acontecem em comunidades de Sergipe, para aquelas que já vivenciam o processo de TBC, bem como aquelas que possuem interesse em iniciar esse processo, estreitando relações e incentivando-as o fortalecimento de suas causas.

Desde o início da rede foram observadas algumas reações, como evasão, porém em sua grande parte não faz parte das comunidades. Houve cuidado em abrir a rede apresentando as finalidades e sugeridas algumas regras, para fim de evitar conflitos, mas isso não garante postagens indevidas, eventuais. Entre os pontos positivos estão os envios espontâneos de alguns participantes da rede, a busca de serviços prestados por uma comunidade em específico, o que significa dizer que aos poucos a finalidade para qual a rede foi construída, vai sendo alcançada.

A mobilização de parceiros, de estudantes voluntários e interessados na continuidade da Rede IINFO-TUCO, assim como a contratação de serviços de criação, domínio e hospedagem de site favorece pensar em novas ações e projetos para o fortalecimento da Rede.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. (1996). *A teia da vida*. (N. R. Eichenberg, Trad.) cap. 5. São Paulo: Cultrix, 1996.

CORIOLO, L. N. Litoral do Ceará: espaço de poder, conflito e lazer. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, v. 8, n. 2, 2008. P. 277-287.

HALLACK, N. B., A. CARNEIRO, D. M. R. Turismo de Base Comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. *Ambientalmente Sustentable*, Ano VI, v. I, n. 11-12. Brasília, 2011, pp. 7-25.

IRVING, M. A.. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 108-121.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). *Turismo de base comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 25 - 44.

MARTINHO, C. *Redes: uma introdução às dinâmicas de conectividade e da auto-organização*, Brasília: WWF Brasil, 2003.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

URANO, D. G.; SIQUEIRA, F. S.; *As redes como mecanismo de articulação e fortalecimento do turismo comunitário: análise da Rede Tucum*. GT Planejamento e Organização do Turismo. Seminário de Pesquisa do CCSA/UFRN, 04-08 maio 2015. Disponível em: <<https://seminario2015.ccsa.ufrn.br/assets//upload/papers/1aa9058b53199d618554bbbc4b5fcbf8.pdf>>. Acesso em 23 maio 2019.